AS FONTES DE DUARTE PACHECO PEREIRA NO "ESMERALDO DE SITU ORBIS" (II).

(Continuação).

O **Esmeraldo de situ orbis** é finalmente **um livro de geografia** e **um livro de cosmografia**. No que diz respeito à geografia devemos distinguir dois aspectos: a geografia da costa de África e a geografia geral. No que se refere à primeira, Duarte Pacheco Pereira fêz certamente apêlo à sua experiência pessoal e à dos navegadores que o precederam. Como dissemos atrás, nada mais natural do que êstes navegadores terem deixado roteiros que nós hoje desconhecemos. No que diz respeito à geografia geral e à cosmografia, as coisas apresentam-se de maneira bastante diferente. Duarte Pacheco Pereira recorre a diversas autoridades, citando-as até freqüentemente, como se quisesse alardear erudição. Cita Estrabão, Ptolomeu, Alfragano, Vicente de Beauvais, Jacob Perez de Valência, Homero, cita muito naturalmente a Bíblia, cita Sacrobosco e o **Tratado da Esfera,** e cita finalmente Plínio e a **História Natural,** e Pompônio Mela e o seu **De Situ Orbis**. Isto não significa que Duarte Pacheco Pereira tenha lido todos êstes autores. Podemos desde já pôr de lado Homero e Alfragano. Homero é citado cinco vêzes, duas das quais sem que o seu nome sequer apareça. A primeira, através de um texto de Estrabão, no Prólogo do Livro I do **Esmeraldo:**

> **portanto Vossa Alteza saberá que Marco Estrabão Capadócio, muito antigo autor e de grande autoridade, quase no meio do seu primeiro livro da Cosmografia, diz: "Assaz será para nós, se, as mais longuras talhando, aquelas sòmente escrevemos daqueles que sua navegação à Etiópia contam; alguns dizem que Menalao, per Calez rodeando, troive seu curso até a região da India, e ao caminho o tempo acomodam, quando se diz em Homero "com naos vim ao oitavo ano"; outros pelo ismo, s. per intermédias terras e o sino Arábico.**

A frase **com naos vim no oitavo ano,** que corresponde no texto latino de Estrabão a **Nauibus octauo ueni peruectus in anno,** é uma frase da **Odisséia** (54) tirada das palavras de Menelao a Telêmaco. Homero é citado a segunda vez para ser qualificado de orador juntamente com Demóstenes, ainda no Prólogo do Livro I:

> **Ca Marco Túlio, o mais excilente dos latinos, e Homero e Demóstenes, os principais oradores dos gregos, que per excilência sua eloquência antre tôdolos mortais até 'gora floreceo.**

A terceira citação, que podemos ver no Capítulo 2 do Livro I, é feita através de um texto do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela:

> **a terra tem áugua dentro em si, e o mar não cerca a terra, como Homero e outros autores disseram.**

Finalmente, as duas últimas citações, ainda no Capítulo 2 do Livro I, e em que o nome de Homero nem aparece, são provenientes dêste mesmo passo do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela. Na primeira, Duarte Pacheco Pereira escreve:

> **e portanto devemos primeiro considerar como os filósefos que nesta matéria falaram, disseram que a terra toda é cercada pelo mar.**

Na segunda, lemos:

> **pelo qual podemos dizer que o mar oceano não cerca a terra como os filósefos disseram.**

Êstes três últimos passos correspondem nas edições latinas do **De Situ Orbis** de Pompônio Mela ao seguinte texto:

> **Sed praeter physicos Homerumque, qui universum orbem mari circumfusum esse dixerunt** (55).

Mas Duarte Pacheco Pereira, como demonstraremos mais adiante, utilizou na redação do seu **Esmeraldo de situ orbis** uma tradução castelhana feita por Mestre João Faras no final do século XV. Nesta tradução, em que podemos ver mais de 150 notas marginais do próprio punho de Duarte Pacheco Pereira, vemos assim traduzido o passo de Pompônio Mela:

> **alen de los filosifos e de omero que todo ell mundo ser çercado de la mar dixeron** (56).

---

(54). — Odyssée, edição "Les Belles Lettres", Paris, L. IV, 81.
(55). — De Situ Orbis, III, 5.
(56). — F. 33v. do manuscrito 50-V-19 da Biblioteca da Ajuda.

E na margem, Duarte Pacheco Pereira escreveu a seguinte nota:

> **homero e out.os fylosyfos dyserã ho mar çercar a terra** (57).

*

Alfragano é citado duas vêzes no **Esmeraldo de situ orbis.** Em qualquer dos casos o assunto é o mesmo. A primeira citação vemô-la no Capítulo 33 do Livro I:

> **e por isso devemos notar o que diz Alfragano, que os Etiópios o seu inverno e verão são de ua mesma compleição.**

A segunda, no Capítulo 2 do Livro II:

> **e isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela, que aos Etiópios o verão e o inverno ambos são de ua mesma compleição.**

Duarte Pacheco Pereira não conheceu diretamente a obra de Alfragano. Foi certamente o **Tratado da Esfera** de Sacrobosco que lhe forneceu o passo por êle duas vêzes citado. Como demonstraremos mais adiante, Duarte Pacheco Pereira leu a obra de Sacrobosco no texto em língua portuguêsa que faz parte do chamado **Regimento de Munique**. Na verdade ali encontramos um passo que corresponde quase palavra a palavra aos passos do **Esmeraldo de situ orbis:**

> **Esto he o que diz alfragano que a estes ho jnuerno e o estio sam de hua mesma compriçam** (58).

*

Ainda que os casos de Homero e Alfragano sejam os mais nítidos, não deixa talvez também de ser verdade que Duarte Pacheco Pereira não leu diretamente, Estrabão, Vicente de Beauvais, Jacob Perez de Valência, Ptolomeu. Quatro vêzes Duarte Pacheco Pereira cita textos de Estrabão, duas das quais em que o seu nome aparece mesmo explìcitamente, como é o caso de dois passos do Prólogo do Livro I. No primeiro dêstes passos, logo no comêço do Prólogo, já citado, a propósito de Homero, Duarte Pacheco Pereira escreve:

---

(57). — Ibidem.

(58). — Regimento do Estrolabio e do Quadrante-Tractado da Spera do Mundo (Reproduction fac-similé du seul exemplaire connu appartenant à la Bibliothèque Royale de Munich), édition de Joaquim Bensaude, Munique. 1914, p. 51.

portanto Vossa Alteza saberá que Marco Estrabão Capadócio, muito antigo autor e de grande autoridade, quase no meio do seu primeiro livro da Cosmografia, diz: "Assaz será para nós, se, as mais longuras talhando, aquelas sòmente escrevemos daqueles que sua navegação à Etiópia contam; alguns dizem que Menalao, per Calez rodeando, troive seu curso até a região da India, e ao caminho o tempo acomodam, quando se diz em Homero "com naos vim no oitavo ano"; outros pelo ismo, s. per intermédias terras e o sino Arábico.

Neste texto, Estrabão ocupa-se de Menelao que, segundo a **Odisséia,** conta as suas viagens. Em oito anos êle teria ido a Chipre, à Fenícia, ao Egito, à Etiópia, ao país dos sidônios e ao dos líbios. Numerosos comentadores, cujas opiniões foram juntas pelo gramático Aristônicos, tentaram precisar o itinerário de Menelao. Estrabão declara que, para evitar grandes desenvolvimentos, ater-se-há apenas aos autores que contam a viagem de Menelao do Egito para a Etiópia. Uns dizem que êle foi à Índia por Cadiz, portanto contornando a África, e daí a duração de oito anos atribuída por Homero às suas viagens. Outros dizem que êle foi à Índia **per Isthmum id est per intermediam terram, et sinum arabicum.** Para já, note-se o enorme contrassenso do comêço. Na citação de Estrabão por Duarte Pacheco Pereira, não se fala dos autores que descrevem a viagem de Menelao à Etiópia, mas de autores que teriam descrito a sua própria viagem à Etiópia. Êste contrassenso é seguido de uma incoerência, porque a seguir vemos as diversas opiniões relativas à viagem de Menelao. Não sòmente a redação de Duarte Pacheco Pereira deixa a desejar no que diz respeito à exatidão e à lógica, mas ainda o seu texto foi tornado ininteligível ou absurdo, talvez pelo copista. Se afastarmos a hipótese de que Duarte Pacheco Pereira tenha lido um texto grego da obra de Estrabão, e se nos debruçarmos sôbre traduções latinas que êle poderia ter consultado, como as de Veneza de 1494 e 1502, vemos o seguinte passo:

Sat erit nobis: si longiora praecidentes eos tantum disseremus ex iis qui eius naugationem ad aethiopiam narrant. Non nulli circunductum per gades cursum tenuisse ad Indicam usque regionem inducunt. Simul errori et tempus accomodant: cum dicitur. Nauibus octauo ueni peruectus in anno. Quidam per Isthmum: idest per intermediam terram: et sinum arabicum (59).

(59). — Ver as seguintes edições da obra de Estrabão: **de Situ orbis (Venetiis), per Joannem (Rubeum) Vercellensem, 1494, f. 12; ou, de Situ orbis — In-**

Deixando de lado o fato de que Duarte Pacheco Pereira cita Homero através de Estrabão na frase **Nauibus octauo ueni peruectus in anno,** frase das palavras de Menelao a Telêmaco (60), como aliás já vimos, parece-nos poder afirmar que Duarte Pacheco Pereira não conheceu diretamente a obra de Estrabão. Nesta primeira citação, como acabamos de ver, não existe uma correspondência perfeita entre o texto de Estrabão e o de Duarte Pacheco Pereira. Vejamos agora a segunda citação, ainda no Prólogo do Livro I:

> **e dizem mais estes autores, que Eudoxo, fugindo das mãos del-Rei Latiro d'Alixandria, navegou do mesmo sino Arábico até Calez.**

Êstes autores são Estrabão e Plínio. Se virmos o caso do primeiro, que é o único que nos interessa aqui, podemos fazer notar que, ainda que a obra de Estrabão (61) relate longamente a história de Eudoxo, não faz no entanto nenhuma alusão ao rei Latiro. Uma vez mais não há correspondência perfeita entre o texto de Duarte Pacheco Pereira e o de Estrabão. Quanto aos dois restantes passos em que Duarte Pacheco Pereira cita Estrabão sem mencionar o seu nome, poderemos dizer que êles não fazem mais do que resumir os passos que acabam de ser citados e discutidos. Podemos ver o primeiro dêstes passos no Capítulo 13 do Livro I:

> **e posto que os antigos escritores muito alumiados de doutrina fossem e d'algua parte de suas excelentes obras algum pouco nos aproveitássemos, despois de ser perdida a navegação que fez Menelao e Hano Carteginense de Calez pela Etiópia de Guiné até o sino Arábico, e Eudoxo do mesmo lugar até Calez, pelos livros que dos antigos cosmógrafos ficaram, para esta navegação nenhua cousa nos podemos deles aproveitar, salvo daquilo que com muito trabalho e grandes despesas os príncipes sobreditos mandaram descobrir, e assi do que ora Vossa Alteza descobrio e novamente soube.**

---

fol. Impressum Venetiis, per Bertholomeum de Zanis de Portesio, ano Domini M.CCCCC.II., die XIII. januarii. Venetiis, 1502, f. 12. — Para que o texto do manuscrito do Esmeraldo de situ orbis se tornasse inteligível, arriscamos algumas correções tendo em consideração o texto latino da obra de Estrabão: substituímos loguo dan por acomodam (latim: accomodant); per antre ambas as terras por per intermédias terras (latim: per intermediam terram); d o por e o (latim: et sinum arabicum).

(60). — Odisséia, L. IV, 81.

(61). — Ver as edições de Estrabão citadas, L. II, Cap. 3, par. 4-5.

O segundo e último pode ver-se no comêço do Capítulo I do Livro III:

> **Grande festa fezeram os antigos escritores da navegação que se diz fez Menelao, de Calez até o sino Arábico, e assi Eudoxo, do mesmo lugar até Calez, e Hano Cartiginense de Espanha até o golfão d'Arábia, o que tudo isto é ua região.**

Em conclusão, poderemos talvez mais uma vez afirmar que Duarte Pacheco Pereira não teve conhecimento direto da obra de Estrabão, e deve ter tido entre mãos um texto para nós ainda desconhecido.

*

Pode ver-se a única citação de Vicente de Beauvais no texto do **Esmeraldo de situ orbis**, no Capítulo 2 do Livro I:

> **disse Vicente Istorial no seu primeiro livro que se chama Espelho das Histórias, no capítulo cento e satenta e sete: "Além das três partes do orbe a quarta parte é além do mar oceano interior em o meio dia, em cujos termos os antípodes dizem que habitam.**

Êste texto do **Esmeraldo** corresponde ao seguinte passo do **Speculum Historiale:**

> **Extra tres autem partes orbis quarta pars transoceanum interiorem in meridie que solis ardore incognita nobis est. In cujus finibus antipodes fabulose inhabitare produntur** (62).

Trata-se de um passo do Livro I, Capítulo LXXVII, e não 177 como indica Duarte Pacheco Pereira no seu texto. Podemo-nos pôr de nôvo o problema de saber se Duarte Pacheco Pereira conheceu diretamente mais esta obra. Trata-se de uma obra imensa, mesmo se nos limitarmos aos volumes do **Speculum Historiale**. Onde teria êle encontrado o texto que deu lugar à sua citação? Ignorâmo-lo, mas estamos convencidos de que não foi diretamente na obra de Vicente de Beauvais. A referência dada na citação de Duarte Pacheco Pereira é imprecisa. Chama a Vicente de Beauvais, **Vicente Istorial,**

---

(62). — Edições consultadas da obra de Vicente de Beauvais: Speculum Historiale, 1473, 4 volumes; Speculum Historiale, 1474, 3 volumes; Speculum Historiale, s. d. (só o Speculum Morale é datado de 1476); Speculum Historiale, Nuremberg, 1483-1485, 5 volumes, o Quadruplex: Speculum Naturale, Speculum Doctrinale, Speculum Morale, Speculum Historiale; Speculum Historiale, 1494; Le miroir historial, Paris, 1945, 5 volumes.

misturando o nome do autor com o título da obra. Poderemos ainda pôr de lado êste fato, pois parece não ter sido caso único na época. Mas outrotanto não poderemos fazer quando sabemos que Duarte Pacheco Pereira dá uma indicação errada do capítulo da obra de Vicente de Beauvais: confunde o **C**, que indica **Capítulo**, com o C que em números romanos quer dizer cem. Lê cento e setenta e sete (CLXXVII) onde deveria ler **Capítulo setenta e sete** (C. LXXVII). Enfim, Duarte Pacheco Pereira não deve ter conhecido diretamente a obra de Vicente de Beauvais.

*

E' ainda no Capítulo 2 do Livro I que poderemos ver a única citação que Duarte Pacheco Pereira faz de Jacob Perez de Valência:

> **devemos notar o que diz Jacobo, bispo de Valença, excilente letrado e mestre na sacra Teologia, sobre este passo em ua sua glosa que fêz sôbre todo o Saltério, e falando no salmo cento e três que começa: "benedic, anima mea, domino", o qual tem um verso que diz: "qui fundasti terram super stabilitatem suam", que as áuguas todas jazem metidas dentro na concavidade da terra, e a terra é muito maior que todas elas.**

Teria Duarte Pacheco Pereira lido a obra de Jacob Perez de Valência? Consideramos bastante mais provável que êle tenha recolhido esta citação de segunda mão. E' por um lado a única citação de Jacob Perez de Valência que encontramos no **Esmeraldo**, e por outro trata-se de uma obra cujo assunto não tem uma relação direta com as preocupações de Duarte Pacheco Pereira na sua obra. E' no **Commentaria in Psalmos** —103— (63) que vemos o verso:

> **Benedic anima mea domino e qui fundasti terram super stabilitatem suam,**

assim como o texto correspondente às palavras de Duarte Pacheco Pereira.

*

Ptolomeu é citado três vêzes, de maneira suficientemente imprecisa para podermos concluir com muita probabilidade de acertar que Duarte Pacheco Pereira não conheceu diretamente a sua obra. A primeira citação pode ver-se no Capítulo 4 do Livro I:

---

(63). — Valência, 1484.

O rio Nilo nos montes da Lua nace, além do círculo da equinocial contra o polo antártico, e daí corre; os quais montes, segundo a discrição de Tolomeu e o sito em que põe o nacimento do Nilo, em trinta e cinco graos de ladeza da mesma equinocial contra o mesmo polo, as serras fragosas do promontório de Boa Esperança devem ser...

A segunda citação aparece no Capítulo 7 do Livro III:

Alguns dizem que este cabo é o Plaso promontório, de que Tolomeo fala; mas a mim não me parece assi, mas antes digo que devem ser os montes da Lua, onde Tolomeo diz que nace o rio Nilo; porque no própio sito que Tolomeo põe os ditos montes, em trinta e quatro graos e meio de ladeza, da dita equinocial contra o polo antrático, ali está este promontório de Boa Esperança; assi que pela distância que os ditos graos se apartam da equinocial serem conformes os dos montes da Lua a estoutros, e pela feição da terra ser tal, a que Tolomeo escreve dos ditos montes, como a deste promontório, tudo parece ua cousa;...

A terceira e última citação vê-se no Capítulo I do Livro IV:

Tolomeu escreve, na pintura de suas antigas tábuas da cosmografia, o mar Indico ser assim como ua alagoa, apartado por muito espaço do nosso mar octano oucidental que pela Etiópia meredional passa...

Se compararmos agora êstes passos da obra de Duarte Pacheco Pereira com os passos correspondentes da obra de Ptolomeu (64) e também com o seu mapa da África — e tudo isto com o precioso auxílio de George H. T. Kimble (65) — somos levados a fazer as seguintes considerações: 1.º) Ptolomeu situa as fontes do Nilo a 12º 1/2 S., situando-as Duarte Pacheco Pereira a 34º 1/2 ou 35º S., no Cabo da Boa Esperança; 2.º) Duarte Pacheco Pereira diz que os Montes da Lua de Ptolomeu devem ser

"as serras fragosas do promontório de Boa Esperança",

ora, esta identificação não é exata pois Ptolomeu diz claramente na sua **Geografia** que as Montanhas da Lua são tão altas que

---

(64). — **Claudii Ptolemaei Geographia, Romae, 1490, ver o L. IV, Cap. 9, o mapa da Africa, e o L. VII, Cap. 5.**

(65). — **Esmeraldo de situ orbis by Duarte Pacheco Pereira, translated and edited by George H. T. Kimble, Hakluyt Society, London, 1937; pp. XX, 16, 154, 164.**

estão cobertas de neve, e que tôda a cordilheira se estende por 11° de longitude, isto é, por cêrca de 700 milhas. Poderemos acrescentar ainda que o Plaso promontório se situa na extremidade Sul da África Oriental, admitindo-se tratar-se do Cabo Delgado, situado ao sul de Zanzibar. Poderemos dizer em conclusão que Duarte Pacheco Pereira revela conhecer tão pouco e mal a geografia de Ptolomeu que é de crer que as suas citações não passem de citações de segunda mão.

*

Duarte Pacheco Pereira cita passos da Bíblia (66) oito vêzes. A primeira vez no Prólogo do Livro I:

> **onde por vossos capitães foi descoberta e novamente achada a grande mina que alguns cuidam ser de Ofir, que, agora per nome novo Sofala é chamada, donde o sapientíssimo rei Salomon houve quatrocentos e vinte talentos de ouro, segundo se mostra no terceiro livro dos Reis, capítulo nove, e no segundo livro de Paralipomenon, capítulo oitavo, no fim, com o qual fêz o sacro templo de Jerusalém.**

Palavras que correspondem, num texto latino da Bíblia que Duarte Pacheco Pereira pudesse ter consultado, a:

> **qui cum verissent in ophir sumptum inde aurum quadringentorum viginti talentorum de tulerunt ad regem salomonem (Regum, III, 9), et abierunt cum seruis salomonis in ophir. Tulerunt qui inde quadringenta quinquaginta talenta auri et attulerunt ad regem salomonem (Paralipomenon, II, 8).**

Fazemos notar que a soma de 420 talentos de ouro não é indicada senão no Livro dos Reis, falando o de Paralipomenon em 450. A segunda citação de passo da Bíblia aparece no Capítulo 2, do Livro I:

> **e porque se mais craramente mostre a verdade, notemos o primeiro capítulo do Genesi que diz assim: "ajuntem-se as áuguas em um lugar da terra".**

---

(66). — Edições da Bíblia utilizadas: **Biblia Latina** — Venetiis, Hieronymus de Paganinis, 1492; **Biblia Latina** — Venetiis, Simon Bevilaqua, 1494; **Biblia Latina** — Venetiis, Hieronymus de Paganinis, 1497; **Biblia Latina** — Venetiis, Simon Bevilaqua, 1498; **Biblia Sacra Vulgatae editionis**, Lyon, 1682; **Bíblia Medieval Portuguêsa**, edição de Serafim da Silva Neto, Rio de Janeiro; **Bíblia Sagrada** contendo o Velho e o Nôvo Testamento, traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Edição aprovada em 1842 pela Rainha D. Maria II com a consulta do Patriarcha Arcebispo eleito de Lisboa, Lisboa, 1918.

Palavras que correspondem a:

> **Dixit vero Deus. Congregent aque qui sub celo sunt in locum vnum: et appareat arida. Et factum est ita. Et vocauit deus aridam terram: congregationes que aquarum appellauit maria (Genesis,** Capitulum Primum).

Ainda neste mesmo Capítulo 2 do Livro I, se podem ver mais dois passos tirados da Bíblia. No primeiro dêstes, escreve Duarte Pacheco Pereira:

> **portanto disse o profeta David, no salmo trinta e dous, que começa "exultate, justi": "ajuntou assi como em odre as áuguas do mar; pôs os tesouros em o aviso".**

Passo que corresponde a:

> **Exultate iusti in domino... Congregans sicut in vtre aquas maris: ponens in thesauris abyssos (Psalterium,** 32).

No segundo passo, ainda dêste Capítulo 2 do Livro I, Duarte Pacheco Pereira escreve:

> **Ainda nos fica por dizer em quanta parte a terra é maior que a áugua; como sòmente a áugua ocupa a sétima parte dela, segundo se mostra no quarto livro do profeta Esdras, no capítulo sexto, que diz assim: "e no terceiro dia mandastes as áuguas ajuntar na sétima parte da terra, verdadeiramente as seis partes secastes.**

Passo que corresponde no texto da Bíblia a:

> **Et tertia die imperasti aquis congregati in septima parte terrae: sex vero partes siccasti (Esdre,** IIII, Cap. VI) (67).

O quinto passo citado da Bíblia vêmo-lo no Capítulo 22 ainda do Livro I:

> **porque de necessidade se há-de cumprir o que disse o Profeta David no salmo dezoito que começa "Celi enarrant gloriam dei", onde adiante vai um verso que diz "in onem terram exivit sonus eorum et in fines orbis terrem verba eorum".**

Texto que se vê na Bíblia:

> **Celi enarrant gloriam dei. In onem terram exiuit sonus eorum et in fines orbis terrem verba eorum (Psalterium,** 18).

(67). — No que diz respeito ao Quarto Livro de Esdras, ver o Dictionnaire de la Bible, publicado por F. Vigouroux, Paris, Tome Premier, 1926.

O sexto passo vemo-lo no Capítulo 8 do Livro I:

> **testemunhando o que vimos, e o nosso testemunho é verdadeiro.**

Passo que corresponde a:

> **et scimus quia verum est testimonium ejus (Joannes,** XXI, 24).

Finalmente, o sétimo e o oitavo passos vêmo-los no Prólogo do Livro III.

No primeiro, lemos:

> **e nele se cumprio o que disse o sapientíssimo rei Salomon, que o começo da sabedoria é temer ao Senhor.**

Na Bíblia, vemos:

> **Timor domini principium sapientie (Proverbia,** Cap. 1).

No segundo, vemos:

> **guardou sempre justiça a sua Respública, de que foi doce pastor, e o seu jugo foi suave.**

Nestas três últimas citações Duarte Pacheco Pereira não indica mesmo a proveniência das suas palavras, mas é indiscutível tratar-se de curtos versículos do texto da Bíblia.

Na Bíblia, lemos:

> **Jugum enim meum suaue est (Mattheus,** XI, 30).

(Continua).

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO
Professor de História Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo